

ESTRUTURA E TOTALIDADE: AS ORIGENS INTELLECTUAIS DO ESTRUTURALISMO NA EUROPA CENTRAL E ORIENTAL

SÉRIOT, P. *Estrutura e totalidade: as origens intelectuais do estruturalismo na Europa Central e Oriental*. Trad.: Maristela Cury Sarian e Mariângela Peccioli Galli Joaquinho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Cáceres, MT: Editora Unemat, 2016.

“Não foi dito tudo sobre o estruturalismo”. É assim que somos convidados pelo autor à leitura desta obra que se propõe a discutir sob uma perspectiva epistemológica a questão do estruturalismo do círculo linguístico de Praga no período entre guerras, considerado um período chave na história das ciências. Nesse sentido, e considerando que os discursos são atravessados por outros dizeres e produzidos a partir de determinadas condições de produção, Sériot, que acredita que as ideias científicas têm uma história que precisa ser considerada, propõe relacionar a teoria linguística às suas condições de produção tanto em seu contexto estrito, a doutrina ideológica eurásiana, quanto em seu contexto amplo, a cultura científica na Rússia e na Europa Central.

A obra é constituída por 10 capítulos, divididos em quatro partes e pautada, principalmente, nos estudos dos cientistas russos R. Jakobson, N. Trubetzkoy e P. Savický. É a partir da leitura destes teóricos que Sériot nos instiga com seus questionamentos acerca das questões sobre o estruturalismo, sobre a possibilidade de existência de uma diferença entre o estruturalismo ocidental e o estruturalismo praticado na Rússia, contrariando o imaginário acadêmico do mundo ocidental que vê o estruturalismo como uma evolução linear a partir de Saussure. É nessa perspectiva que Sériot afirma que a originalidade de sua obra está no fato de tomar o discurso científico como um material de estudo da eventual diferença cultural entre a Rússia e a Europa Ocidental.

Na primeira parte da obra, intitulada *A situação*, o autor elabora alguns questionamentos sobre a questão do paradigma em linguística. É possível datar o nascimento de uma teoria em linguística? Podemos lhe assinalar uma origem? Para ele, diferente do conceito de paradigma

proposto por Kuhn, em linguística não existem rupturas absolutas, apenas deslocamentos da problemática, novos olhares sobre o objeto de estudo. Nesse sentido, somos advertidos para o fato de que não podemos considerar o estruturalismo dos russos de Praga como algo que veio pronto de Jakobson e, ainda, que o quadro das ciências humanas da Europa deve levar em conta não apenas sua parte ocidental, mas suas partes central e oriental.

Sériot também questiona se a relação entre a ciência russa e a ciência europeia seria uma questão de identidade ou alteridade tendo em vista que, apesar da pouca atenção dada, há uma versão oriental do estruturalismo que se esboça em Praga entre as décadas de 1920 e 1930 e que reivindica sua independência e especificidade científica às outras escolas estruturalistas. Para o autor, no entanto, não se trata de ciências nacionais culturalmente determinadas como totalidades fechadas. Sendo assim, a linguística na Rússia não tem uma natureza diferente da linguística Ocidental, pois esta participa da mesma origem, embora reconheça que em ciências humanas os movimentos de ideias entre os países não se deem em perfeita sincronia havendo defasagens ideológicas. Em contrapartida, Sériot destaca que o Círculo de Praga deixa como legado a existência de duas concepções, de duas maneiras de encarar a noção de estrutura: como totalidade ontológica ou como sistema de relações, como objeto real ou como objeto de conhecimento.

Partindo do entendimento de que há uma imbricação indissolúvel entre a ciência e a ideologia, Sériot procura mostrar que o estruturalismo dos teóricos russos de Praga só pode ser explicado à luz dos debates ideológicos de seu tempo. É nessa perspectiva que o autor dedica todo um capítulo para tratar sobre o movimento eurasista, movimento que defendia a ideia da Rússia como um continente à parte não pertencente nem à Europa nem à Ásia. Faziam parte deste movimento cientistas e intelectuais de diversos campos do conhecimento originários da elite russa e que foram exilados no período entre guerras. Os eurasistas recusavam a cultura romano-germânica e propunham uma nova visão de mundo e estilo de vida.

Segundo o autor, o eurasismo possui diversos traços em comum com os movimentos ideológicos e intelectuais contemporâneos da Europa, dado o pertencimento a um mesmo ‘espírito de tempo’, ou seja, correntes de pensamento contemporâneas que compartilham um mesmo período, uma mesma atmosfera intelectual. A teoria eurasista

pautou-se em dois tipos de raciocínios: um voltado às questões geopolíticas, a partir dos estudos de Savickij e outro às questões histórico-culturais, embasadas em Trubetzkoy, e linguísticas, fundamentadas em Jakobson. Como dissemos, os membros do movimento eurasista acreditavam que a Rússia não fazia parte da Europa, nem da Ásia, mas formava um terceiro continente chamado Eurásia com uma cultura e identidade próprias, um organismo totalizante.

Nesse sentido, Sériot destaca que a principal tarefa do movimento eurasista era demonstrar o caráter antinatural e artificial de qualquer divisão desse continente, uma vez que a Eurásia constituía uma unidade natural com afinidades geográficas, históricas, culturais e psicológicas. Assim, o eurasismo seria, antes de tudo, um empreendimento de reconfiguração de fronteiras. Os eurasistas, especialmente Trubetzkoy, consideravam negativo qualquer tipo de empréstimo cultural e defendiam que as culturas deveriam ser nacionalmente limitadas, separadas, pois uma cultura universal, além de impossível, seria estéril. Para eles, apenas uma cultura ‘nacionalmente limitada’ poderia permitir o desenvolvimento de traços específicos morais e espirituais de cada povo. Trubetzkoy e Savickij chamam essas culturas separadas de sistemas.

Em termos gerais, a teoria eurasista é pautada em dois questionamentos principais: a ideia de uma cultura universal e a ideia da Rússia como parte da Europa. Entre seus principais teóricos têm-se: Trubetzkoy interessado pela cultura, Savickij interessado pelas questões relacionadas à natureza e Jakobson, às questões propriamente linguísticas. Jakobson procurará confirmar, por meio de argumentos linguísticos, a existência da eurásia. Para Sériot, o movimento eurasista suscitou um intenso trabalho de linguística, um elo perdido da história do estruturalismo. É a partir do movimento eurasista que Trubetzkoy e Jakobson, por exemplo, desenvolvem a teoria das “uniões fonológicas de línguas”.

Trubetzkoy chamara inicialmente de união de línguas os grupos de línguas que manifestam uma grande similitude nas relações sintáticas, uma semelhança nos princípios morfológicos e uma aparente semelhança no sistema fônico. A definição dada por Jakobson, por outro lado, tem o fator espaço como primordial. Para ele chamam-se de uniões de linguísticas conjuntos de línguas cujos domínios geográficos

são contíguos e caracterizados pelo fato de apresentarem em suas estruturas semelhanças adquiridas. Apesar da divergência inicial, Sériot esclarece-nos que a partir de 1931 há uma aproximação e um entrelaçamento no pensamento de Jakobson e Trubetzkoy ao afirmarem que os limites da extensão dos fenômenos fonológicos nem sempre coincidem exatamente com os limites das línguas e muitas vezes o atravessam.

É a partir da teoria da união de línguas que Jakobson procurará mostrar que há uma ‘união eurásiana de línguas’ destacando três traços fundamentais às línguas eurásianas: a correlação de molhamento, que consiste numa oclusão dental acompanhada de uma elevação da língua para a frente do palato; a politonia, quando o movimento do tom vocal toma direções diferentes e a oposição dessas direções pode diferenciar o sentido das palavras; e a continuidade territorial. A partir desses traços, Jakobson vai delimitar geograficamente zonas mais ou menos concêntricas procurando mostrar que as línguas faladas no território eurásiano formam um território contíguo, com a característica positiva da correlação de molhamento e a característica negativa da ausência de politonia; mas, além disso, mostrar que as uniões de línguas tem como principal característica as semelhanças adquiridas na estrutura de duas ou várias línguas contíguas, e as transformações, orientadas na mesma direção, de sistemas linguísticos independentes, não reduzindo tais questões ao princípio da causalidade, como faziam seus antecessores. Da mesma forma, Trubetzkoy afirmará que na relação de uma língua sobre a outra não há substrato, adstrato ou superestrato, nem mesmo influência, mas uma convergência, teoria que também será defendida por Jakobson e que Sériot discutirá posteriormente.

O autor salienta que a principal novidade trazida tanto por Jakobson quanto por Trubetzkoy às questões da linguagem, não foi pôr em discussão o modelo dos neogramáticos ou mesmo ter posto em causa a noção de fronteira entre as linguagens, mas ter criado outros modelos ainda mais insuperáveis. Assim, o autor passa a tratar das controvérsias sobre as fronteiras dialetais que puseram fim às certezas dos neogramáticos. Para tanto, Sériot nos apresenta as principais teorias linguísticas estudadas durante o século XIX, destacando que esse período é marcado pela exacerbação dos nacionalismos e por várias tentativas de definição naturalista das fronteiras de Estados na Europa.

No início do século XIX, as línguas eram entendidas, a partir de uma perspectiva naturalista, como organismos naturais, vivos, que, para além da vontade humana, nascem, crescem e depois envelhecem e morrem, e, que, portanto, deveriam ser agrupadas em classes e estudadas, como propôs Schleicher, tal qual a botânica e a zoologia, por uma classificação genealógica que, diferente da classificação tipológica, se desenrola no tempo. Por essa perspectiva, cada língua deveria ser vista como um corpo puro, não podendo ser alterada por contatos ou misturas, uma vez que as línguas, para os naturalistas, seriam impenetráveis umas às outras. Assim, para os estudos dos linguistas, somente as similitudes consideradas como herdadas eram levadas em conta, sendo as outras similitudes negligenciadas. Esta maneira de estudar a linguística é progressivamente abandonada, embora sua ideologia continue a ser debatida mesmo com suas certezas cada vez mais colapsadas.

Sériot informa-nos que até em torno da primeira guerra mundial, a linguística era dominada pela corrente neogramática que aplicava aos fenômenos da linguagem o modelo das ciências naturais e considerava como objetivo da linguística o estudo dos fatos da evolução no interior das diferentes línguas sem no entanto se preocupar, como feito até então, com a reconstrução de uma língua materna, nem de tipologia ou classificação, mas procurando implementar um método rigoroso, tal qual as leis da física, química ou biologia, válido não só para as línguas antigas, mas também para as línguas e os dialetos modernos. Sua metodologia, fundada sobre o empirismo, é essencialmente indutiva. De acordo com o autor, a questão dos limites foi reveladora da crise profunda que minou o positivismo, pois quanto mais este buscava estabelecer leis, quanto mais os estudos avançavam, mais as leis se dividiam, se pulverizavam, se diluíam. Diferente de Schleicher, os neogramáticos admitiam a evolução das línguas no tempo, mas continuavam a negá-lo no espaço, especialmente durante o período entre guerras.

Um outro ponto discutido ao longo da obra diz respeito à recusa de muitos linguistas em admitir os dialetos como construções puramente arbitrárias. Na Alemanha, Th. Frigs procura estabelecer que fronteiras não linguistas exercem uma influência sobre os fatos linguísticos e que isto se dá pelo princípio da causalidade. Na França, discussões sobre essa questão também são colocadas, especialmente sobre a existência

ou não de uma divisão francesa pautada por uma barreira linguística. Sériot afirma que é no fundo dessa controvérsia sobre o caráter aberto ou fechado das línguas e dos dialetos que se constrói o edifício da teoria estrutural do Círculo de Praga. Para os membros deste grupo nenhuma causalidade poderia ser colocada *a priori*.

É a partir deste círculo linguístico que Jakobson reintroduz a noção de dialeto recusando a noção de *continuum* dialetal e a pesquisa de entidades com limites claros. Com a contribuição do geógrafo Savickij, que transpôs as conquistas metodológicas da geografia às pesquisas em geolinguística, a noção de dialeto torna-se um conceito estrutural e Jakobson substitui as isoglossas (fonéticas) por isofones (fonológicos e sistêmicos), o que exige um novo exame das fronteiras, questão fundamental à linguística eurasista que é o de saber onde passam as fronteiras reais, procurando assim mover as fronteiras falsas e demonstrar os limites falsos.

No quinto capítulo *Evolucionismo ou Difusionismo?* o autor salienta que há na teoria eurasista um paradoxo, uma vez que esta é um conjunto aberto no interior de um sistema global fechado. Destaca que a linguística russa dos anos 1920 está profundamente enraizada no debate europeu sobre o evolucionismo, onde as fronteiras entre as ciências naturais e as ciências sociais são interrogadas. Além disso, apresenta um confronto entre duas correntes linguísticas russas após a revolução, uma praticada na URSS, o marrismo, pautado nas ideias de Marr, e outra praticada na emigração, o eurasismo, pautado nas ideias de Trubetzkoy. Estas, embora antitéticas têm, segundo o autor, muito em comum.

Ambas pertencem ao mesmo espírito de tempo, participam da crise da gramática histórica e comparada, rejeitam o modelo naturalista de Schleicher, embora os eurasistas proponham uma explicação pelo espaço, onde as similitudes são adquiridas por contato, e os marristas uma explicação pelo tempo, onde as similitudes correspondem ao desenvolvimento uniforme idêntico de todas as línguas do mundo. Além disso, são movidos pela mesma fé no determinismo buscando sem cessar as leis da evolução das línguas. Ambas apresentam ainda uma ruptura declarada com a ciência ocidental: para os eurasistas, uma ruptura essencialmente etnográfica, a ciência eurasiática é oposta em todos os aspectos à ciência romano-germânica; para Marr, uma ruptura pragmática, a ciência ocidental é uma ciência burguesa.

No que concerne à concepção das fronteiras entre o marrismo e o eurasismo, há um choque que Sériot considera irreconciliável. Para os marristas, há uma evolução linear universal das culturas e das línguas, rejeitando o caráter fechado dos sistemas linguísticos. Para os eurasistas, ao contrário, não há uma cultura universal, as línguas e as culturas são conjuntos fechados, embora línguas ou culturas geograficamente adjacentes possam se cruzar e formar conjuntos maiores e mais orgânicos. O eurasismo é assim uma forma particular de difusionismo, com dois tipos de fronteiras: fronteiras porosas, criadoras de afinidades, e fronteiras herméticas, garantindo o princípio sistêmico. O marrismo, em contrapartida, se inscreve no paradigma evolucionista, considerando a linguagem humana como uma em seu processo de evolução.

Sériot destaca que embora essas duas correntes tenham proclamado o fim do modelo organicista, de fato o prolongaram. Além disso, nem uma nem outra conseguiram fazer da linguística uma ciência autônoma, definida por um objeto específico. Dessa forma, nem os marristas nem os eurasistas criaram nada que seja, do ponto de vista epistemológico, uma outra ciência. Os eurasistas participaram do nascimento do estruturalismo europeu, e os marristas do nascimento da tipologia moderna. Apesar disso, no que concerne aos estudos de Jakobson e Trubetzkoy, Sériot destaca que estes propuseram, cada um à sua maneira, uma reviravolta à questão das relações entre línguas, refutando o modelo genético e a proposta da árvore genealógica, inscrevendo-se em uma corrente que recusa os dogmas dos neogramáticos, e adotando a questão da afinidade entre línguas.

Assim, para tratar sobre a questão do conceito de afinidade em linguística, Sériot nos conduz a uma retrospectiva histórica da noção de afinidade, apresentando-nos suas definições no âmbito jurídico, onde afinidade é uma aliança contingente (adquirida); químico, onde afinidade é uma aliança necessária (baseada na predisposição natural, inata); e biológico, onde o termo afinidade assume dois sentidos que se opõem e se interpenetram ao mesmo tempo: afinidade verdadeira e analogia. Em linguística, em um determinado momento da história, o termo afinidade deixa de ser utilizado como similitude por parentesco genético para ser entendido como semelhanças independentes da tipologia. Segundo Jakobson, as afinidades não são herdadas, mas adquiridas por contato espacial, por convergência. A noção de

convergência das línguas que ele propõe foi elaborada com a ajuda de Savickij e fundamentada na pesquisa do geógrafo e biólogo Lev S. Berg, que recusa a teoria darwiniana da evolução das espécies por divergência, ou seja, a partir de um ancestral comum, entendendo que estas se davam por convergência, ou seja, em condições ambientais idênticas a partir de organismos não aparentados.

É a partir dos estudos de Berg que Jakobson propõe substituir as vias mecânicas da evolução por uma abordagem teleológica ao afirmar que a evolução é convergente e que o número de variações hereditárias é limitado e vão em direções determinadas. Jakobson classifica as aproximações entre línguas em três tipos, em função do objeto estudado, do método empregado e da presença das coordenadas espaço-temporais, métodos cujos objetos coexistem, mas são diferentes. Segundo ele, as línguas se assemelham apenas porque têm uma propensão à semelhança. É também de Berg que Jakobson toma emprestado o termo *nomogênese* para afirmar que as línguas podem evoluir somente em uma direção e em uma sequência, conforme as leis do sistema, o que ele representaria uma ruptura com as teorias que lhe antecederam. Sériot, no entanto, acerca disso, sustenta a tese de que tanto Jakobson quanto Trubetzkoy são pautados em uma metáfora biológica, embora, no caso destes, essa seja uma metáfora antidarwinista.

O autor destaca ainda que a teoria das correspondências é um exemplo esclarecedor daquilo que Jakobson e Trubetzkoy pensavam ser uma ciência nova em torno da qual também se junta o geógrafo Savickij com sua teoria do lugar de desenvolvimento, bastante citada por Jakobson, e que propicia, segundo Sériot, uma melhor compreensão sobre as noções de estrutura e totalidade dos russos de Praga. Para ele, o trabalho dos eurasistas começam no momento em que se estabelecem coincidências, ou correspondências, de estudos de diferentes áreas acerca do objeto de estudo em comum, a Eurásia. Assim, a teoria das correspondências seria uma visão totalizante do mundo, a partir do empilhamento, pela sobreposição dos diferentes pontos de vista.

É inserido nessa teoria que Savickij desenvolve o que chama de ‘lugar de desenvolvimento’, um lugar que incita a um desenvolvimento particular, onde fenômenos naturais e humanos estão sistematicamente colocados em relações. Para Jakobson, a partir da teoria do lugar de desenvolvimento, no domínio fonológico, o princípio do

desenvolvimento local sobrepõe-se ao de parentesco. Assim, uma língua que possui uma característica pode perdê-la ao se mudar o lugar de desenvolvimento. Sériot nos esclarece que Jakobson trabalha a questão do lugar de desenvolvimento a partir de dois tipos de fenômenos: há entre línguas aparentadas, elementos comuns que não pertencem a um ancestral comum, e, por outro lado, semelhanças entre línguas não aparentadas. Trata-se, em ambos os casos, da prova de que elementos foram adquiridos juntos por duas línguas diferentes não por questões relacionadas às influências, mas ao papel do território, aos lugares de desenvolvimento. Nesse sentido, as relações entre línguas são relações entre organismos, cuja expansão não é uma relação de forças, mas um fenômeno natural. Nessa abordagem, a noção de sistema ou de estrutura correspondia à noção de ordem enquanto recusa ao acaso.

O autor nos chama a atenção para o fato de que tanto Jakobson quanto Savickij e Trubetzkoy tinham como ideia fixa o estabelecimento, a todo custo, da correspondência entre todas as coisas visando provar que a repartição das línguas na superfície do globo não é contingente, mas reflete uma ordem necessária. Essa tentativa dos russos de Praga de quererem comprovar tudo os coloca em uma inextricável rede de contradições, deslizando-se constantemente entre noções tomadas no sentido absoluto ou no sentido relativo.

Na quarta e última parte da obra, Sériot dedica-se ao fazer científico dos russos de Praga. Afirma que, embora estes acreditassem estarem praticando uma ciência nova, chamada de ciência sintética, estavam profundamente apoiados na episteme da *Naturphilosophie*, que defende a apreensão do universo em sua totalidade e que rejeita a fragmentação excessiva do saber, características caras à ciência sintética que, embora não se oponha a uma abordagem analítica, insiste na ideia de síntese por considerá-la uma etapa superior no processo de conhecimento. Para os eurasistas, segundo Sériot, a própria ideia de estrutura é sinônimo de síntese.

Assim, os cientistas que aderem ao movimento eurasista devem ter como objeto principal de estudo e como centro de suas preocupações a pessoa coletiva que os eurasistas chamam de Eurásia, considerado como um todo. O trabalho de todos os especialistas deve ser coordenado entre si de uma maneira estruturada objetivando chegar a uma síntese ao mesmo tempo filosófica e científica que determinará a

orientação de todo o trabalho coletivo e de cada estudo em particular. Esta reunião organizada por diferentes especialistas em torno de um único e mesmo objeto é uma das principais características do fazer científico eurasista.

Sériot salienta que, para Jakobson, essa nova ciência se opõe tanto ao positivismo quanto ao naturalismo, no entanto, para o autor, nem Jakobson nem Trubetzkoy analisam o positivismo como filosofia; em nenhum momento citam A. Comte, utilizando-o apenas como um sinal negativo da doutrina dos neogramáticos. Além disso, a própria teoria das convergências desenvolvida por eles é feita a partir de um modelo naturalista, ainda que este seja um modelo mais complexo que o de Schleicher. Para o autor, ao criticar o modelo biológico de Schleicher, Jakobson propõe um antimito apoiando-se em certa biologia e em certa geografia produzindo, sem perceber, um outro tipo de naturalismo, tendo como objeto sociedades vistas como organismos submetidos a um determinismo natural. O novo apresentado por Jakobson é o fato de que as correspondências não podem ser explicadas por uma causalidade exterior.

Outra crítica tecida por Sériot aos principais estudiosos russos de Praga, Jakobson, Trubetzkoy e Savickij, diz respeito à ausência de distinção entre objeto real e objeto de conhecimento em seus trabalhos. Cita como exemplo a teoria do lugar de desenvolvimento, tomada por eles não como um objeto construído no interior de uma teoria, mas como um objeto real, preexistente a qualquer investigação. Estes, diferente de Saussure, por exemplo, não provocam qualquer questionamento sobre a maneira de construir conceitos, não trabalham de modo hipotético-dedutivo, mas sim buscando enquadrar os fatos em suas especulações sobre a harmonia do universo. Na pesquisa das relações não há a fixação de nenhum limite: elementos aparentemente sem relação, que existem independentemente uns dos outros e reconhecíveis entre si são colocados em relação na esperança de que surjam laços. Para Sériot, a ciência eurasista é uma longa pesquisa ontológica. O objeto, a Eurásia, é dado *a priori*, convocando os diversos domínios científicos a acumular provas de sua existência.

O autor destaca ainda que, embora a maior parte dos manuais de história da linguística apresentem Jakobson e Trubetzkoy como filiados ao pensamento saussuriano, estes na verdade são fundamentalmente diferentes. Saussure vê o sistema como uma construção em função de

um certo ponto de vista, os russos, por sua vez, entendem que é a própria realidade que é sistemática. Para Saussure, a língua é um objeto abstrato, um sistema construído pelo linguista, fato de relações opositivas. Para Jakobson e Trubetzkoy, a língua é uma norma coletiva, um objeto ontologicamente estruturado, formando uma totalidade que espera ser descoberta pelo linguista.

Assim, Sériot conclui afirmando que a noção de sistema dos russos de Praga é desprovida de homogeneidade e unidade, o que se espera de um conceito acabado, e que a noção de estruturalismo que eles propuseram não deve ser entendida à maneira de Saussure, mas a partir de um outro caminho, de um estruturalismo ontológico, embora estas divisões não sejam estanques. O autor salienta ainda que não há, como propuseram os membros russos do círculo linguístico de Praga, uma ciência russa, sendo esta um elemento da cultura científica da Europa, ainda que tenha sido negligenciada. Outrossim, apesar da oposição dos russos à ciência romano-germânica, os eurasistas são continuadores de um pensamento formado na filosofia alemã do primeiro terço do século XIX. Por fim Sériot afirma que entre as grandes contribuições destes teóricos está a invenção da fonologia que pôde ser utilizada por pesquisadores de orientações ideológicas as mais diversas.

Clevisvaldo Pinheiro Lima

Mestre em Letras pela UFPI e Professor Assistente da UFPI